

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2019. 192p.

Ceres Karam Brum¹

¹Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

No livro *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual*, Rosana Pinheiro-Machado não apenas enfrenta a difícil tarefa de interpretar a história política recente do Brasil, como ela igualmente nos apresenta reflexões sobre a esperança e o futuro do país. Tem razão Débora Diniz quando, ao prefaciar a obra, a define, usando as categorias de Said, de amadora-feminista. É do engajamento da autora, do seu cuidado e afeto na análise de nossa conjuntura política que brota um texto fluído e emocionante que escolhe como fonte de estudo o cotidiano do protagonismo político de vários sujeitos. Brasileiros e brasileiras que foram às ruas, que resistiram nas escolas e mostraram aos frequentadores dos Shoppings Centers que eles existiam. Seu entendimento vem de dentro. Uma antropologia produzida a partir de um duplo lugar reconhecido por ela já na introdução: o de antropóloga/intelectual feminista.

Tendo como ponto de partida suas colunas, no *Carta Capital* e no *Intercept*, publicadas a partir de 2013, o livro dialoga com suas experiências de pesquisa, algumas vezes também realizadas em parceria com Lucia Mury Scalco. Trata-se de um texto novo e enxuto, sem rodeios. Uma narrativa densa que interpela e encanta o leitor por sua perspectiva ousada de levantamento de dados e por sua interpretação. Ela inventa uma nova maneira de olhar o Brasil a partir da Antropologia, sem cair nas artimanhas de uma Antropologia da Política e seus cânones.

Rosana Pinheiro-Machado em uma análise que certamente incomoda a Ciência Política tradicional brasileira passeia com leveza e sábia despretenção pela cena político-econômica nacional, acertando em cheio na análise. Sua etnografia mostra um Brasil que escapa da grande parte de nossos cientistas sociais cumprindo, por seu turno, um importante papel de popularização da Antropologia para além do círculo acadêmico.

Montado como uma peça de teatro, em uma escolha justificada como metáfora “[...] para pensar essa transformação profunda que o Brasil sofreu nos últimos tempos [...]” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 14), o livro nos traz o drama político brasileiro e um “amanhã que vai ser maior”. No começo do Prelúdio, somos sacudidos pela forte imagem/símbolo do touro fraquejando com a crise econômica de 2007. Um cenário que dialoga e comunica as ideias de virilidade e de vaidade representadas pela vitalidade do touro nova-iorquino. Afirmando que “O colapso econômico ajudou a impulsionar a explosão de ocupações e protestos em massa no mundo todo [...]” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 19), a autora nos convida a entender a pluralidade das transformações da primavera global para desembarcarmos no Brasil do Movimento Passe Livre, dos protestos de junho de 2013, dos “rolezinhos”, da revolta dos caminhoneiros sem se esquecer das ocupações secundaristas de 2016.

O só o fato de relacionar todos esses movimentos seria por si só um esforço interpretativo já muito significativo para uma abertura de cortinas. Mas estamos apenas no começo de uma peça que no Prelúdio nos apresenta atores em suas contradições e desejos latentes de inclusão pelo consumo, pelo trabalho e pela escolarização. A análise ultrapassa dualidades e polaridades. As “revoltas ambíguas” são tratadas com o cuidado de uma antropóloga engajada que busca compreender sem falsos pudores a violência da polícia, na pele de quem é abatido pelos cassetetes, a vaidade do poder do Partido dos Trabalhadores que avança de forma desequilibrada, titubeando entre a proteção de populações vulneráveis e o orgulho de sediar a Copa do Mundo.

As relações que a esquerda de uma forma geral estabeleceu com tais episódios são a chave para compreendermos algumas lições acerca do “aprendizado político” das novas gerações e a incapacidade de leitura

de suas reivindicações. A guinada à direita para a autora tem relações já visíveis “no começo do fim” que os “rolezinhos” representam, mas também na solidão do retorno às aulas pós-ocupações. Desse prelúdio é preciso dizer que vem à baila as análises da própria autora, usadas de forma reducionista pela imprensa em diferentes espaços-mundo. Uma incapacidade de compreensão das vozes dos atores em ebulição e de vácuo com quem a direita conseguiu melhor se aproximar. Exemplo disso é a análise da crise econômica do país, trazendo à tona um cenário de corrupção que dialoga com o acirramento do machismo, campo fértil para uma produção de mentalidades conservadoras que adotam o combate à corrupção e à violência como litania de apoio a Bolsonaro.

Ao “avanço da direita”, que é cenário do Ato I, segue-se o “recuo da esquerda” encenado no Segundo Ato. Partindo da constatação do poder de compra das classes populares como uma forte razão de seu apoio ao governo Lula, a autora analisa a crise que se segue não apenas como a desagregação do seu poder aquisitivo. Ao efetuar um balanço do impacto da crise política, ela enfatiza a ascensão da direita. Ascensão esta que resulta da articulação das elites políticas brasileiras desde 2014, beneficiada certamente por uma leitura equivocada, por parte da esquerda, de que a inclusão pelo consumo seria suficiente, sem que a estrutura da desigualdade social brasileira fosse tocada (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 103).

Desigualdades que se somam à violência real e sua espetacularização via WhatsApp e demais redes sociais. A derrocada da esquerda petista encontra também, segundo a autora, relação com a percepção da corrupção política que assolou o país (da qual a lei anticorrupção de 1999 é citada como exemplo) e para a qual a população não tem encontrado respostas coerentes. Segundo a autora: “É preciso reinventar esse debate, denunciando o poder econômico sobre o Estado, resgatando os sentidos do coletivo e lutando pela garantia universal dos bens públicos” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 117).

O apoio a Bolsonaro e sua eleição são percebidos por meio de processos de autoidentificação dos seus eleitores. Igualmente do reconhecimento de uma perspectiva de superação da crise política e econômica, através de uma guinada radical à direita, encarnada por

sua figura autoritária e controversa. Aos processos de evangelização protagonizados via redes sociais a proposta de um “Amanhã vai ser maior” é bem diferente do discurso moralista da politização: “Não é preciso politizar a periferia. É a esquerda que precisa se periferizar” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 131).

O Ato III é dedicado ao bolsonarismo. Uma análise que se nutre da capacidade de leitura que sua candidatura efetua da cultura popular, do jogo fascista encenado não contra um inimigo externo, mas contra o “vagabundo”. Destacando o entendimento do termo como um significante vazio (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 142), a autora o percebe por meio de liminaridades que colocam em diálogo a noção de raça, classe, ideologia com as relações de poder estruturantes.

Nesse sentido, vale ressaltar que as construções simbólicas que levaram Bolsonaro ao poder passam por questões identitárias que tocam nas percepções que os brasileiros têm de si, do rechaço ao vagabundo, ao corrupto e aos outros. Penso que a autora aqui chega ao ponto crucial da sua análise. Ao explorar uma ideia numinosa de nação que engendra autorreferência e negação de si. Um fastio das vanguardas de esquerda, de sentir que as coisas estão fora do lugar e que cabe a Bolsonaro reorganizá-las. Tal análise nos permite ver sua eleição a um só tempo como uma questão identitária e estética, de uma nação que de forma mais ou menos consciente escolhe entre o menos ruim e o pior.

O *grand finale* Réquiem da Desesperança traz à baila um conjunto de elementos que emergem e se contrapõem ao novo cenário político-econômico e suas concepções. Do machismo emerge a “revolta das vedetes”, bem como a vitória das feministas que, como a direita, também venceram. E a esperança, que é um substantivo feminino, frutifica na análise da autora em tomadas de consciência e em ações engendradas como revolta pelo assassinato de Marielle Franco.

Minha leitura de “Amanhã vai ser maior” foi feita de um lugar específico da antropologia brasileira. Aquele que busca explorar as confluências entre Antropologia e Educação, focalizando suas potencialidades de aprendizagem. Posso afirmar que meu desejo de compreender o Brasil contemporâneo, buscando no nosso passado

recente (por meio de uma etnografia que o visibiliza) um caminho possível para o seu entendimento foi plenamente contemplado com a leitura do livro.

A metáfora da peça de teatro para pensar as transformações do Brasil, escolhida pela autora, desempenha, por seu turno, um importante papel educativo da antropologia na qual acredito pelo aprendizado político que engendra, como já destaquei anteriormente. Sua via de análise, ao explorar as tensões latentes da nossa cena política e econômica e nos reportar às razões e emoções de um cenário que não percebemos chegar, nos ensina a olhar o Brasil. Sua antropologia brota desse estranhamento e focaliza a superação da polaridade esquerda/direita, produzindo uma análise sem apologias, mas com a qual igualmente aprendemos possíveis perspectivas para que o amanhã brasileiro possa ser maior!

Recebido em 12/05/2020

Aceito em 10/06/2020

Ceres Karam Brum

Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria.

Endereço Profissional: Departamento de Ciências Sociais UFSM, prédio 74, 2º andar, sala 2.211, Avenida Roraima, n. 1.000, Camobi, Santa Maria, RS.

CEP: 97105-900.

E-mail: cereskb@terra.com.br